A Trajetória de Mulheres-Mães na Licenciatura em Matemática: Desafios, Resistência e Permanência no Ensino Superior

Maria Livia Ferreira Leonardo Bernardo [1]
Érika Carla Alves Canuto da Costa [2]

INTRODUÇÃO

A trajetória acadêmica de mulheres mães é um campo de estudo que evidencia as interseções entre gênero, educação e as dinâmicas da vida familiar. Na Licenciatura em Matemática, curso que historicamente apresenta uma relação complexa com a presença feminina, essa experiência adquire contornos particulares. Este trabalho dedica-se a investigar os caminhos percorridos por essas estudantes, com foco nos desafios, nas estratégias de superação e nos significados de sua permanência no ensino superior.

Embora a docência na educação básica seja majoritariamente feminina, com as mulheres representando mais de 79% do corpo docente, segundo dados do INEP (2025), essa predominância não elimina as barreiras de gênero que emergem ao longo da jornada acadêmica. A escolha por uma licenciatura em uma área das ciências exatas, somada à responsabilidade da maternidade, coloca essas estudantes em uma posição de singularidade e,frequentemente, de sobrecarga.

Conforme aponta Louro (1997), as relações de gênero são construções sociais e históricas que determinam papéis e expectativas. Nesse contexto, é na tensão entre os papéis de mãe, trabalhadora e estudante que a experiência universitária dessas mulheres se desenha, revelando a complexidade de suas trajetórias.

A maternidade, no âmbito da formação superior, impõe uma série de desafios práticos e emocionais. Nepomuceno *et al.* (2024) destacam que as estudantes mães vivenciam jornadas exaustivas, permeadas por sentimentos de culpa e pela constante necessidade de provar sua competência acadêmica. Essas dificuldades são agravadas pela ausência de políticas institucionais voltadas ao acolhimento e à permanência dessas alunas. Na Licenciatura em Matemática, cuja carga de estudos é tradicionalmente intensa, a conciliação entre as

[1] Graduada do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, marialiviaferreira998@gmail.com ;
[2] Docente Mestre do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, erika.costa@ifpb.edu.br;

demandas acadêmicas e os cuidados familiares requer um esforço extraordinário,apoiado em redes de solidariedade e estratégias pessoais de resistência.

Diante desse cenário, compreender como essas mulheres negociam seus espaços, superam obstáculos e encontram motivação para persistir torna-se fundamental. Mais do que mapear dificuldades, esta pesquisa busca dar visibilidade às estratégias de resistência e aos significados da permanência das mulheres mães na universidade, reconhecendo nelas sujeitos de luta e transformação.

Assim, este estudo se orienta pela seguinte questão de pesquisa: Quais os principais desafios enfrentados por mulheres mães matriculadas no curso de Licenciatura em Matemática do IFPB-CG e quais as estratégias de resistência desenvolvidas por estas para permanecer e concluir o ensino superior?

A relevância desta pesquisa se justifica pela necessidade de dar visibilidade às experiências das mulheres mães na Licenciatura em Matemática, uma realidade ainda pouco discutida nas produções científicas da área. Ao trazer suas vozes, dificuldades e estratégias de resistência, pretende-se contribuir para o debate acerca das políticas de permanência estudantil, bem como para a construção de uma educação superior mais inclusiva e sensível às diversidades que compõem o corpo discente.

Além disso, a escolha do tema também se relaciona à trajetória pessoal da pesquisadora, que, enquanto mulher, mãe e estudante de Licenciatura em Matemática, vivenciou desafios semelhantes aos relatados pelas participantes. Essa vivência possibilitou uma compreensão mais próxima da realidade investigada e reforça a importância de discutir as condições de acesso, permanência e conclusão do curso por parte das mulheres mães.

Dessa forma, a pesquisa adquire não apenas relevância acadêmica, mas também social, ao problematizar questões que envolvem o direito à educação e a equidade de oportunidades no ensino superior. com o objetivo de analisar a trajetória de mulheres mães no curso de licenciatura em Matemática, identificando os desafios vivenciados e as estratégias utilizadas para sua permanência no ensino superior, esse trabalho se propõe a investigar as principais dificuldades enfrentadas por mulheres mães durante a graduação em Matemática; compreender de que forma elas conciliam maternidade, responsabilidades domésticas, trabalho e estudo; identificar estratégias de resistência e permanência desenvolvidas por essas estudantes; refletir sobre a importância da inclusão e do apoio institucional para mulheres mães no ensino superior.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, por buscar compreender as experiências de mulheres mães no curso de Licenciatura em Matemática. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, enquanto a descritiva busca caracterizar determinada população ou fenômeno.

O estudo foi realizado com mulheres mães matriculadas no curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário elaborado no Google Forms, contendo perguntas abertas e fechadas, divulgado em grupos de WhatsApp de estudantes do curso. O instrumento abordou aspectos relacionados ao perfil das participantes, aos desafios enfrentados, às estratégias de conciliação entre maternidade e estudos, à rede de apoio e à permanência no ensino superior.

De acordo com os dados fornecidos pela coordenação, o curso contava com 73 (setenta e três) mulheres vinculadas, das quais 63 (sessenta e três) estavam efetivamente cursando no período da pesquisa. Como não havia registro institucional específico sobre a quantidade de estudantes mães, a identificação ocorreu por meio do questionário, respondido voluntariamente por 13 (treze) mulheres mães, selecionadas por amostragem intencional, considerando sua disponibilidade e interesse em participar.

A participação foi voluntária, e as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, a confidencialidade de suas identidades e o uso acadêmico das respostas, respeitando-se os princípios éticos de proteção de dados pessoais previstos na Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais).

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), mediante leitura das respostas, organização do material e definição de categorias temáticas. A análise foi estruturada em quatro eixos: características das participantes; desafios e dificuldades enfrentadas no curso; formas de resistência e estratégias de conciliação; e fatores relacionados à permanência. Dessa forma, buscou-se interpretar as experiências relatadas pelas participantes, relacionando-as aos referenciais teóricos da pesquisa.

A metodologia do resumo expandido deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre gênero e educação é fundamental para compreender as desigualdades que estruturam a trajetória escolar e acadêmica. Para as mulheres que acumulam múltiplas jornadas, como as mulheres mães universitárias, esses desafios se intensificam de forma particular. Como afirma Louro (1997), as relações de gênero são construções sociais históricas que definem papéis e expectativas, repercutindo diretamente no acesso e na permanência nos espaços educacionais.

Historicamente, à mulher foi atribuída a esfera privada – o cuidado, a maternidade e o lar –, enquanto ao homem foi reservado o domínio público, incluindo os espaços intelectuais e profissionais. Essa divisão sexual do trabalho, como destacam Teixeira et al. (2024), confinou as mulheres por séculos à reprodução biológica e social, excluindo-as por muito tempo da educação formal. Mesmo com a conquista do acesso ao ensino superior, essa lógica desigual persiste e se desdobra em novos formatos.

Embora as mulheres sejam maioria em licenciaturas (processo conhecido como feminização da docência), sua presença continua minoritária em áreas como Matemática, Física e Engenharia, onde estereótipos associam o pensamento lógico e racional ao masculino (Cunha et al., 2020).

No caso das mulheres mães, a sobreposição de papéis gera uma sobrecarga ainda mais acentuada. Como observam Heilman e Okimoto (2008), a maternidade frequentemente se constitui como um obstáculo adicional, pois as demandas do cuidado e do trabalho "se somam, e não se dividem". Essa dupla jornada é agravada por uma socialização que, mesmo hoje, ainda destina prioritariamente à mulher a responsabilidade pela casa e pela família. Aragão e Kreutz (2010) ressaltam que a mulher foi historicamente educada "para ser uma exímia dona de casa, mãe cuidadosa e esposa exemplar" (p. 108), um modelo que ainda ecoa nas expectativas sociais.

Esse cenário é perpetuado por instituições de ensino que frequentemente operam sob uma lógica excludente. Muitas universidades ainda pressupõem um estudante sem responsabilidades externas, com tempo integral disponível para dedicação aos estudos, desconsiderando as demandas de cuidado e trabalho doméstico que recai desproporcionalmente sobre as mulheres mães. Dessa forma, o gênero e a maternidade se entrelaçam, criando barreiras concretas à permanência e ao sucesso acadêmico.

Como destaca Louro (1997), a educação não é neutra: a universidade é um espaço que tanto pode reproduzir normas de gênero quanto questioná-las. Compreender as trajetórias das

mulheres mães no ensino superior, portanto, exige reconhecer como estruturas sociais e arranjos institucionais muitas vezes as negligenciam, reforçando desigualdades que impactam profundamente sua formação e suas possibilidades futuras.

A maternidade, quando vivenciada simultaneamente ao percurso acadêmico, revela desafios estruturais que impactam diretamente a permanência e o desempenho das estudantes. A pressão social pela dedicação exclusiva à maternidade e a responsabilização quase integral das mulheres pelo trabalho doméstico geram tensões que se intensificam quando a mulher ingressa no ensino superior. As autoras destacam que "a articulação entre a pressão social pela dedicação exclusiva à maternidade [...], a responsabilidade do trabalho doméstico e a necessidade do sustento causa uma série de tensões para as trabalhadoras" (Rocha e Cruz, 2023, p. 20), e essa realidade se reflete de forma contundente na vida das mães universitárias.

No contexto acadêmico, essas tensões se materializam em sobrecarga, acúmulo de tarefas e dificuldades de conciliar as exigências do curso com as responsabilidades familiares. A rotina universitária, estruturada para estudantes com ampla disponibilidade de tempo, entra em conflito com as demandas do cuidado, tornando a permanência das mães na graduação um processo continuamente desafiador. Conforme Rapoport e Piccinini (2006), a conciliação entre maternidade, estudo e vida profissional só é possível quando existe uma rede de apoio capaz de compartilhar as responsabilidades cotidianas; na ausência desse suporte, as mulheres tendem a enfrentar jornadas extensas, fragmentadas e emocionalmente exaustivas.

Sousa (2023) reforça esse entendimento ao demonstrar que, mesmo quando os filhos já se encontram na adolescência, as mães continuam sendo a principal referência afetiva e organizacional da família, permanecendo responsáveis por grande parte das demandas do cuidado. Assim, a maternidade mantém-se como um eixo estruturante da vida dessas estudantes, condicionando o tempo, a energia e as possibilidades de dedicação ao ensino superior.

Pesquisas nacionais e internacionais apontam que a sobrecarga tende a se intensificar quando a maternidade coincide com o período de formação acadêmica. Tanto mulheres casadas quanto solteiras enfrentam desafios específicos: enquanto as casadas acumulam a dupla jornada entre estudos, maternidade e tarefas domésticas, as solteiras vivenciam essa rotina sem o apoio de um parceiro, assumindo sozinhas todas as responsabilidades. Nesse cenário, "essas mulheres desempenham multifunções, o que gera uma sobrecarga extrema, que não permite que elas se dediquem à graduação da forma que desejam" (Santos e Nunes, 2023, p. 69).

Essa realidade confirma o que destacam Oliveira e Temudo (2020) ao afirmarem que “a conciliação entre a maternidade e os estudos é uma tarefa complexa e exigente”, marcada por cansaço, solidão e pela falta de apoio institucional e/ou familiar.

Essas dificuldades se tornam ainda mais profundas quando os filhos necessitam de cuidados específicos. Smeha e Cezar (2011), ao analisarem mães de crianças com autismo, demonstram que a rotina dessas mulheres é permeada por demandas emocionais e práticas intensas, exigindo vigilância constante e dedicação ampliada. Em um cenário universitário que exige alta produtividade, participação constante e cumprimento de prazos rígidos, essa condição agrava a desigualdade de condições entre mães e demais estudantes.

Heilman e Okimoto (2008) acrescentam que a maternidade, além de demandar tempo e energia, também funciona como um marcador social que frequentemente gera penalizações acadêmicas e profissionais. Para os autores, há uma crença persistente de que as mulheres que são mães seriam menos disponíveis ou menos comprometidas, o que repercute na forma como são percebidas na universidade, muitas vezes com menor empatia, acolhimento ou flexibilização.

Assim, ao analisar a presença de mulheres mães na universidade, torna-se evidente que a maternidade ainda é um fator estruturante de desigualdades no ensino superior. Os estudos utilizados revelam que as instituições, em geral, não estão preparadas para acolher as especificidades dessas estudantes, reproduzindo um modelo acadêmico que pressupõe disponibilidade integral e ausência de responsabilidades de cuidado. Nesse cenário, as mães universitárias desenvolvem estratégias individuais para permanecer nos cursos, mas continuam enfrentando barreiras que poderiam ser minimizadas com políticas institucionais de apoio e sensibilidade à maternidade.

A participação das mulheres na Licenciatura em Matemática é marcada por avanços importantes, mas também por permanentes desigualdades estruturais. Enquanto a docência na educação básica é amplamente feminina, com mais de 79% das vagas ocupadas por mulheres, segundo o Censo Escolar (INEP, 2025), essa predominância não se repete nos cursos de formação docente em Matemática, nem na docência universitária na área.

A Matemática, assim como outras ciências exatas, ainda é socialmente percebida como um campo “masculino”, percepção que se ancora em estereótipos de gênero historicamente construídos. Como aponta Cunha et al (2020), áreas relacionadas à racionalidade, lógica e abstração foram culturalmente associadas aos homens, enquanto às mulheres foram atribuídas funções afetivas e ligadas ao cuidado. Esses imaginários impactam diretamente o acesso, a permanência e a progressão das estudantes nesse campo. Elpifanio (2021) em seu estudo

sobre a relação das mulheres com a Matemática, mostra que a desigualdade de gênero se manifesta em todas as etapas da formação: desde o ingresso no curso até a continuidade na pós-graduação e carreira docente. Em sua análise do Departamento de Matemática da UFPB, a autora observa que as mulheres são minoria entre as discentes, ainda menos presentes entre mestrandas e doutorandas, e praticamente inexistentes em cargos de liderança. Destaca-se, por exemplo, o fato de que o departamento nunca teve uma mulher como chefe em mais de meio século de existência. Esse cenário reforça a análise de Louro (1997), para quem as instituições educacionais não são neutras, mas produzem e reproduzem desigualdades de gênero ao naturalizar papéis sociais historicamente construídos.

Os dados nacionais reforçam essa realidade, embora as mulheres representem 59,1% das matrículas no ensino superior e 73,9% nas licenciaturas (INEP, 2025), essas proporções diminuem significativamente quando se trata da Licenciatura em Matemática. Essa sub-representação feminina é resultado da combinação de fatores socioculturais, estruturais e institucionais. Bourdieu (2012) explica que a divisão sexual do trabalho historicamente confinou as mulheres às atividades domésticas e de cuidado, consideradas extensões naturais da "feminilidade". Isso ajuda a compreender por que elas se concentram em cursos associados ao cuidado e à afetividade, como Pedagogia, enquanto enfrentam barreiras simbólicas e práticas para ingressar em áreas como a Matemática.

Além disso, muitas estudantes mulheres, especialmente mães, vivenciam a pressão social para priorizar as responsabilidades familiares em detrimento da formação acadêmica. Rocha e Cruz (2023) discutem como a maternidade é atravessada por tensões estruturais, já que a responsabilidade pelo cuidado e pelo trabalho doméstico continua socialmente atribuída às mulheres, dificultando sua permanência e ascensão nos espaços acadêmicos.

Assim, mesmo quando conseguem ingressar na licenciatura, essas estudantes enfrentam desafios adicionais que não recaem da mesma maneira sobre seus colegas homens. Outro fator importante diz respeito à ausência de representatividade feminina nos espaços de ensino da Matemática, a qual se manifesta tanto no corpo docente quanto no conteúdo curricular. Conforme Elpifanio (2021), muitas estudantes passam toda a sua formação acadêmica tendo apenas professores homens, o que reforça a ideia de que a Matemática pertence ao universo masculino. Essa impressão é constantemente revalidada pelo currículo, que celebra quase que exclusivamente figuras masculinas. Os nomes que povoam os livros didáticos, como Pitágoras, Tales e Báskara, e que batizam os conceitos centrais, silenciam as contribuições das mulheres e naturalizam a ideia de que a genialidade matemática é um atributo masculino.

A combinação da falta de professoras e da invisibilidade histórica no conteúdo dificulta o sentimento de pertencimento e reforça estereótipos que desestimulam a permanência. Como discute Louro (1997), a escola e a universidade funcionam como espaços de produção de identidades, e, quando esses espaços são marcados pelo masculino, as mulheres tendem a vivenciar insegurança, deslegitimação e baixa autoestima.

Assim, a participação das mulheres na Licenciatura em Matemática deve ser compreendida a partir de um conjunto de condições sociais, culturais e institucionais que moldam suas trajetórias. A combinação entre estereótipos de gênero, ausência de políticas de apoio, limitações impostas pela maternidade e falta de representatividade configura um percurso marcado por persistência e resistência. Reconhecer esses desafios é fundamental para compreender a trajetória das mulheres mães no curso de Licenciatura em Matemática, tema central deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta a caracterização das 13 mulheres mães que participaram da pesquisa, estudantes ou egressas do curso de Licenciatura em Matemática do IFPB. Os dados foram coletados por meio de um questionário aplicado via Google Forms e organizados considerando idade, período do curso, quantidade e faixa etária dos filhos, estado civil e vínculo empregatício.

Em relação à idade, observou-se que a maioria das participantes, correspondente a 61,5%, encontra-se na faixa etária de 21 a 30 anos. Quanto à quantidade de filhos, predominam mulheres com apenas um filho, embora também haja participantes com dois ou três. As idades dos filhos são variadas, abrangendo desde a primeira infância até a adolescência, o que evidencia diferentes demandas de cuidado vivenciadas pelas mães.

No que se refere ao período da graduação, as participantes estão distribuídas em diferentes etapas do curso. Aquelas que cursaram o 2º e o 5º períodos, assim como as que já haviam concluído a graduação, representam 23,1% cada grupo. Além disso, há participantes no 3º, 7º e 8º períodos, demonstrando que as experiências investigadas contemplam diferentes momentos da trajetória acadêmica.

Quanto ao estado civil, 53,8% das participantes são casadas e 46,2% são solteiras. Essa distribuição demonstra a diversidade das configurações familiares presentes no grupo pesquisado. Entretanto, independentemente do estado civil, conciliar a maternidade com a formação acadêmica pode envolver dificuldades relacionadas à divisão do tempo, às tarefas

domésticas e ao cuidado com os filhos. Como destacam Oliveira e Temudo (2020), a conciliação entre maternidade e estudos constitui uma tarefa complexa e exigente.

Em relação à atividade remunerada, apenas cinco participantes possuem vínculo empregatício. Entre essas mulheres, a carga horária semanal varia de 5 a 44 horas, indicando diferentes realidades profissionais. Para aquelas que trabalham, as exigências do emprego somam-se às responsabilidades maternas, domésticas e acadêmicas, podendo intensificar a sobrecarga e reduzir o tempo disponível para os estudos.

De modo geral, a caracterização revela que as participantes apresentam trajetórias e configurações familiares distintas, mas compartilham o desafio de conciliar a maternidade com as exigências da graduação. Essas informações contribuem para compreender o contexto em que estão inseridas e constituem a base para a análise das dificuldades enfrentadas e das estratégias de resistência e permanência no ensino superior, discutidas nas próximas seções.

Dificuldades e Desafios Encontrados no Curso.

Nesta seção, são apresentados os principais desafios e dificuldades relatados pelas mulheres mães durante sua trajetória no curso de Licenciatura em Matemática. As respostas obtidas no questionário evidenciam a multiplicidade de obstáculos enfrentados por essas estudantes, que precisam conciliar a vida acadêmica com as demandas da maternidade, do trabalho e das atividades domésticas.

De modo geral, a falta de tempo para estudar foi o aspecto mais recorrente nas respostas. A maioria das participantes afirmou que o acúmulo de responsabilidades, especialmente os cuidados com os filhos e as tarefas do lar, interfere diretamente no desempenho acadêmico. A sobrecarga física e emocional é percebida como um dos fatores que mais dificultam o cumprimento das atividades universitárias e o acompanhamento do ritmo das disciplinas. Uma das mães relatou: “Falta de tempo para estudar, com a sobrecarga de tarefas domésticas e cuidados com os filhos”(Participante 1), resumindo um sentimento compartilhado pela maioria.

Essas dificuldades se relacionam com a estrutura patriarcal que ainda atribui à mulher a responsabilidade majoritária pelo cuidado das crianças, o que torna mais árduo o prosseguimento na vida acadêmica após a maternidade, como apontam os autores ao afirmarem que “há dificuldade em prosseguir na academia, após engravidar, visto que a estrutura patriarcal impõe as responsabilidades pela criança majoritariamente à mãe” (Rocha e Cruz, 2023, p. 11).

Além do cansaço e da exaustão, algumas participantes mencionaram a necessidade de interromper ou trancar o curso por causa da maternidade. Casos de gestação durante a graduação foram apontados como momentos de grande fragilidade, nos quais as estudantes precisaram se afastar por motivos de saúde, gravidez de risco ou pela falta de apoio institucional. Uma delas destacou: “Precisei me afastar por causa de uma gestação de alto risco, acabei perdendo o período e reprovei em todas as matérias”(Participante 2). Situações como essa reforçam o quanto a ausência de políticas de suporte às alunas mães pode comprometer a continuidade dos estudos.

Outro desafio recorrente nos depoimentos é a falta de compreensão por parte de alguns professores. Em situações em que as mães precisaram faltar ou atrasar atividades devido a questões relacionadas aos filhos, muitas não receberam o suporte necessário. Um dos relatos ilustra claramente essa realidade:

> “No mês de abril deste ano, meu filho teve pneumonia (ele também tem asma e rinite, o que acabou complicando) e precisou ser internado em Campina, pois sou de outra cidade. Ele ficou internado cinco dias, e isso acabou acumulando trabalhos, provas e o PIBID. Mesmo eu estando de atestado, um professor não aceitou por conta do ‘prazo’, e isso me prejudicou.”(Participante 3)

Esse depoimento evidencia a ausência de políticas institucionais e de empatia por parte de alguns docentes, o que contribui para fragilizar a permanência das mães na universidade. A falta de sensibilidade diante das especificidades da maternidade reforça o sentimento de exclusão e a desigualdade de condições entre as estudantes.

Outras falas também revelam situações semelhantes, marcadas pela ausência de apoio e pela incompreensão de parte da comunidade acadêmica. Além das barreiras institucionais,surgem também desafios emocionais e psicológicos. As mães estudantes relataram sentimentos de culpa por não poderem dedicar mais tempo aos filhos, medo de reprovar disciplinas e preocupação constante com o futuro.

Essa sobrecarga emocional é reforçada pela falta de rede de apoio, principalmente entre as mães solteiras, que afirmaram contar apenas com familiares ou amigos em momentos pontuais. Como afirmou uma participante:

> “Por vezes, saí para assistir aula deixando meus filhos doentes, assim como deixei de estudar para provas, pois possuo filho autista e eles não compreendem que a mãe estudante precisa de silêncio para estudar. Não há apoio por parte de instituições e professores. Como um professor mesmo falou, ninguém está nem aí para o que o outro passa.”(Participante 4)

Essa fala sintetiza as múltiplas dimensões do desafio enfrentado pelas mães universitárias, que precisam lidar com o sofrimento de deixar os filhos doentes, com a ausência de condições adequadas para o estudo e com a falta de empatia institucional.

Conforme Smeha e Cezar (2011), às mães de crianças com autismo vivenciam uma maternidade permeada por exigências emocionais e práticas que demandam tempo, energia e constante vigilância, o que aumenta significativamente a sobrecarga física e psicológica. Essa sobrecarga tende a se intensificar quando essas mulheres estão inseridas em contextos acadêmicos que não reconhecem suas necessidades específicas, como ocorre com as estudantes mães que acumulam papéis de cuidado e estudo. De fato, "no ambiente acadêmico e científico, a história das mulheres é marcada por dificuldades, injustiças e desigualdades, problemas que se entrecruzam de maneira recorrente até a atualidade" (Rocha e Cruz, 2023, p. 17).

Assim, os depoimentos demonstram que as estudantes mães vivenciam uma dupla ou até tripla jornada, marcada por cansaço, falta de tempo e ausência de políticas de apoio, mas também por resistência, coragem e desejo de transformação. Essa realidade evidencia a urgência de repensar práticas institucionais que favoreçam a permanência dessas mulheres na universidade e reconheçam a maternidade não como um obstáculo, mas como parte legítima de suas trajetórias acadêmicas e humanas.

Resistências e Permanência: Estratégias de Conciliação e Rede de Apoio.

As respostas das participantes mostram que, mesmo diante das dificuldades relatadas, as mulheres mães recorrem a estratégias práticas e a redes de apoio para manter a trajetória acadêmica. Entre as estratégias citadas com maior frequência estão a organização do tempo e o uso de horários alternativos para estudo (noite e madrugada). Como afirmaram as participantes: "Estudo em horários alternativos (noite/madrugada)" (Participante 5) e "Procuro estudar quando meu filho está dormindo." (Participante 6). Essas práticas parecem repetidamente como formas de conseguir conciliar estudo e cuidados infantis.

A rede de apoio familiar é referida por respondentes como condição importante para assistir às aulas e cumprir atividades. Exemplos de falas : "Apoio da família" (Participante 7), "Minha mãe me ajuda a cuidar dos meus filhos quando tenho aula" (Participante 8) e "Conto com ajuda de familiares/amigos"(Participante 9). Por outro lado, algumas participantes registraram a ausência de rede de apoio e o impacto disso nas suas rotinas: "Não tenho com quem deixar meus filhos, então muitas vezes deixo de ir à aula."(Participante 10). Essas vozes

evidenciam perfis distintos entre as mães: aquelas que conseguem mobilizar suporte familiar e aquelas que ficam sem opções de cuidado para os filhos.

A motivação pessoal surge como outro pilar da resistência. Em várias respostas aparece a ideia de que a maternidade é um fator motivador: “Meu filho é o motivo de tudo. Quero mostrar para ele que posso vencer [...] Ser mãe me deu um gás a mais”(Participante 11). A motivação pessoal, somada às ações concretas de reorganização de horários e ao apoio (quando existente) compõe a estratégia que muitas participantes utilizam para não desistir do curso.

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres mães durante a graduação, os relatos evidenciam uma forte determinação em concluir o curso. A permanência dessas estudantes está diretamente relacionada ao desejo de transformação pessoal e social, ao amor pelos filhos e à busca por melhores condições de vida. Mesmo quando a maternidade impôs pausas ou afastamentos temporários, muitas mães decidiram retomar os estudos, reafirmando seu compromisso com a educação e com o futuro.

Uma das participantes expressou esse sentimento ao relatar: “Resolvi retornar ao curso no intuito de ter mais oportunidades voltadas à área da educação e poder ter uma condição de vida melhor.”(Participante 13) Essa fala traduz um dos principais sentidos da permanência: a maternidade, embora traga desafios e renúncias, também se converte em motivação e impulso para seguir adiante. A decisão de retornar à universidade representa um ato de resistência frente às adversidades cotidianas e às desigualdades de gênero que ainda persistem no meio acadêmico.

Essas vivências refletem o contexto atual, em que “cada vez mais, as mulheres buscam seus espaços profissionais, seja na política, no mercado de trabalho, na docência, na pesquisa, entre outros” (Rocha e Cruz, 2023, p. 16). Essa busca por autonomia e reconhecimento é também um movimento de resistência, especialmente para aquelas que, como as mães universitárias, precisam conciliar múltiplas jornadas.

Conforme apontam Rocha e Cruz (2023, p. 20),

> “a articulação entre a pressão social pela dedicação exclusiva à maternidade, forjada durante séculos, a associação da responsabilidade do trabalho doméstico à mulher e a necessidade do sustento, causa uma série de tensões para as trabalhadoras” .

Ainda assim, é no enfrentamento dessas tensões que se revela a força das mulheres que persistem, mesmo diante de contextos marcados por desigualdades estruturais e institucionais. Além disso, algumas participantes relataram momentos de desânimo e o desejo de abandonar

o curso, motivados pela exaustão e pela ausência de apoio adequado. Contudo, mesmo diante dessas adversidades, evidencia-se a força e a persistência dessas mulheres, que seguem empenhadas em alcançar a formação almejada. Como expressa uma das respondentes: “Já pensei em desistir várias vezes, mas penso no meu filho e sigo em frente.”(Participante 13)

De modo geral, as falas indicam que a resistência se manifesta por meio de práticas cotidianas como estudar em horários alternativos, antecipar tarefas e reorganizar a rotina, além do suporte familiar e social quando este está presente. Somam-se a isso as motivações vinculadas aos filhos, frequentemente mencionadas como principal fonte de incentivo para a continuidade no curso. Por outro lado, a fragilidade de políticas institucionais voltadas à assistência estudantil para mães e as diferenças nas posturas docentes configuram obstáculos que tornam a conciliação entre maternidade e vida acadêmica mais complexa.

Assim, a permanência das estudantes mães na Licenciatura em Matemática ultrapassa a esfera individual, assumindo um caráter político e de resistência que confronta normas sociais historicamente impostas à presença feminina no ensino superior. O retorno ao curso, após interrupções decorrentes da maternidade, revela-se, portanto, como um gesto de coragem e determinação, reafirmando o protagonismo da mulher na construção de sua própria trajetória acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória de mulheres mães no curso de Licenciatura em Matemática do IFPB, buscando compreender os desafios vivenciados, as estratégias de conciliação e os fatores que influenciam sua permanência no ensino superior. A análise dos dados permitiu evidenciar que a maternidade atravessa de forma profunda a vida acadêmica dessas estudantes, influenciando sua rotina, seu desempenho e seus sentimentos em relação ao percurso formativo.

Os resultados obtidos demonstraram que a falta de tempo é o principal desafio enfrentado pelas participantes, consequência direta do acúmulo de responsabilidades entre cuidado dos filhos, atividades domésticas, estudo e trabalho remunerado. Essa realidade confirma o que apontam estudos como os de Rocha e Cruz (2023) e o de Aragão e Kreutz (2010), que destacam a exaustão física e emocional vivenciada por mulheres que acumulam múltiplas jornadas. Além disso, as falas revelaram situações de falta de compreensão por parte de alguns docentes, especialmente em momentos em que as mães precisaram faltar ou atrasar

atividades devido a necessidades dos filhos, evidenciando a ausência de políticas institucionais voltadas ao acolhimento dessa população.

Apesar das dificuldades, a pesquisa mostrou que essas mulheres desenvolvem diversas formas de resistência e permanência. Muitas delas constroem estratégias individuais, como estudar durante a madrugada, reorganizar a rotina ou buscar auxílio de familiares quando possível. A maternidade, longe de ser apenas um obstáculo, também se torna uma fonte de motivação. Para várias participantes, os filhos representam a principal razão para persistir, retornar ao curso após interrupções e projetar um futuro profissional mais estável.

Dessa forma, a permanência dessas mulheres na universidade revela-se como um processo marcado por força, resiliência e desejo de transformação. Ao mesmo tempo, evidencia que a universidade ainda precisa avançar na construção de políticas de apoio que respeitem as especificidades das estudantes mães. A pesquisa indica a necessidade de medidas institucionais mais sensíveis, como flexibilização de prazos, ampliação da assistência estudantil, formação docente para lidar com questões de gênero e maternidade, e criação de espaços de acolhimento infantil.

Com base nos resultados, torna-se evidente que a trajetória das mulheres mães na Licenciatura em Matemática é marcada por desafios estruturais, emocionais e institucionais, mas também por estratégias de resistência que demonstram a força e o comprometimento dessas estudantes com sua formação. Assim, este estudo contribui para o debate sobre gênero, maternidade e educação, reforçando a urgência de políticas voltadas à permanência de mães universitárias.

Como sugestão para pesquisas futuras, propõe-se investigar como a maternidade impacta a carreira docente dessas mulheres após a conclusão do curso, especialmente na área de Matemática. Compreender como elas vivenciam o início da docência, como conciliam o trabalho escolar com a maternidade e de que forma a rede de apoio influencia sua atuação profissional, poderá ampliar a compreensão desse fenômeno e contribuir para políticas educacionais mais completas e equitativas.

Conclui-se que as trajetórias das mulheres mães que participaram deste estudo revelam não apenas dificuldades, mas também potência, resistência e desejo de transformação. Tornar a universidade um espaço verdadeiramente democrático exige reconhecer essas histórias, valorizar essas experiências e construir caminhos que garantam o direito à educação em todas as suas dimensões.

Palavras-chave: Mulheres-Mães, Mães Universitárias, Licenciatura em Matemática.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Milena.; KREUTZ, Lúcio. Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações. Conjectura, Caxias do Sul, v.15, n.3, p. 106-120, dez. 2010. Disponível em:http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/515/400. Acessado em: 15 de Agosto de 2025.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Mulheres representam 59% das matrículas na Educação Superior. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/institucional/mulheres-representam-59-das-matriculas-na-educacao-superior.
Acesso em: 5 de Set. de 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Professoras são 79% da docência de Educação Básica no Brasil. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil.
Acesso em: 5 de Set. de 2025.

CUNHA, Ulisses Franklin Carvalho da; MIRANDA, Cynthia Mara; RAMBO, Magale Karine Diel. Mulheres nas ciências exatas e tecnologias: um olhar para a Universidade Federal do Tocantins – UFT na perspectiva de gênero. Revista Humanidades e novação, v. 7, n. 2, p. 278-289, 2020.

ELPIFANIO, Hindrilainy Saturnino. Mulheres e sua relação com a matemática. 2021. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Departamento de Matemática, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, joão Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20574/1/HSE02082021.pdf. Acesso em: 25 de Novembro de 2025.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEILMAN, Madeline.; OKIMOTO, Tyler. Motherhood: A potential source of bias in employment decisions. Journal of Applied Psychology, v. 93, n. 1, p. 189-198, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/5640901_Motherhood_A_Potential_Source_of_Bias_in_Employment_Decisions. Acesso em: 16 de Out. de 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva

pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

NEPOMUCENO, Lorena da Silva.; PACHECO, Lucas Souza.; RODRIGUES, Poliana.; SILVA, Marcela Costa.; OLIVEIRA, Karla. A Maternidade e os Desafios Enfrentados pelas Universitárias: uma Análise sobre a Evasão no Ensino Superior. Revista Científica UNIFAGOC Multidisciplinar , v IV ., n. 1, p. 91–103, 2024.

OLIVEIRA, Mónica; TEMUDO, Eva. Mulheres estudantes trabalhadoras na Universidade do Porto — uma licenciatura "fora de tempo" ou "sem tempo"? ex æquo, n. 18, p. 147–173, 2008. Disponível em : https://scielo.pt/pdf/aeq/n18/n18a09.pdf Acesso em 15 de Outubro de 2025.

RAPOPORT, Andrea.; PICCININI, Cezar Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano, São Paulo, v. 16, n.1, p. 85-96, abr. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000100009&lng=pt&nrm=iso

ROCHA, Najara Pires.; CRUZ, Danielle Maia. Maternidade e universidade: quem apoia as mulheres na construção de uma carreira acadêmica? Maternidade e Universidade, v. 1, n. 18, p. 09–30, 2023.

SANTOS, Caria Karoline Barbosa dos; NUNES, Cicera. Mães negras e o curso de Pedagogia da Urca: dificuldades de permanência das estudantes durante a pandemia da covid-19. Maternidade e Universidade, v. 1, n. 18, p. 61–83, 2023.

SMEHA, Luciana Najar.; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 6, n. 2, p. 8-14, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvgqWpK/?format=html&lang=pt Acesso em: 03 de Nov. de 2025.

SOUSA, Gisele Teles de. Percepções de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social sobre a construção de espaço de escolhas de vida. 2023. 61 f. Monografia (Graduação em Psicologia) — Centro Universitário de Brasília – CEUB, Brasília, 2023. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/17006/1/21900635.pdf Acesso em: 05 de Nov. de 2025

TEIXEIRA, Aline do Amaral; SILVA, Ana Caroline Dias da; ANTUNES, Maria Cristina; POLLI, Gislei Mocelin. Representações Sociais sobre Ser Mulher na Sociedade Contemporânea. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 44, e264821, p. 1-17, 2024.